

## FINALIDADES DA ALTERNÂNCIA LINGÜÍSTICA - HÁ ESPAÇO PARA A LÍNGUA MATERNA NA AULA DE LÍNGUA ESTRANGEIRA?

DÉBORA MEDEIROS DA ROSA AIRES<sup>1</sup>; ISABELLA MOZZILLO (orientadora)<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) – [deboramedeiros3@gmail.com](mailto:deboramedeiros3@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPeL) - [isabellamozzillo@gmail.com](mailto:isabellamozzillo@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho traz análises desenvolvidas na pesquisa de Doutorado inserida na linha *Aquisição, variação e ensino* do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPeL. Considera-se que tratar do tema a ser apresentado, ou seja, a questão da alternância linguística, é indispensável na formação de professores de línguas, já que suas práticas ocorrerão em um ambiente de contato.

Objetiva-se compreender de que modo professores formadores de cursos de Letras de universidades do Rio Grande do Sul percebem as funções para o uso da língua materna (LM) em aulas de língua estrangeira (LE) e quais motivações apontam para a ocorrência de alternância linguística nos processos de ensino/aprendizagem.

A possibilidade de uso do português (LM) nas aulas de espanhol (LE) difere de acordo com diversos fatores que se entrecruzam, como, por exemplo, as ideologias linguísticas dos sujeitos envolvidos (em especial do professor, como guia do processo), o método ou a abordagem utilizada pelo docente, o entendimento sobre o que significa ser competente em uma língua e sobre qual deve ser o caminho a percorrer para o desenvolvimento da língua-alvo.

Discussões específicas sobre a alternância linguística em sala de aula muitas vezes não ocorrem explicitamente durante a formação de professores, o que, segundo ATKINSON (1987), leva ao entendimento de que a língua materna não tem nenhuma função a desempenhar e não deve estar presente na aprendizagem da LE. Pode-se atribuir a essa lacuna, inclusive, o desconforto ou sentimento de frustração e incompetência que sentem muitos professores ao utilizar a LM ou ao permitir seu uso por parte dos alunos. Dessa forma, os benefícios do uso da LM nas aulas de LE são negligenciados e subestimados e ignorar sua presença significa “ensinar com menos do que a eficiência máxima” (ATKINSON, 1987, p. 247).

ATKINSON (1987) indica algumas vantagens do uso da LM, que deve ser feito de maneira criteriosa e com base em estratégias, corroborando a proposta de alternância raciocinada explicitada por MOORE (2003). O autor menciona as técnicas de tradução como as mais significativas e preferidas pelos aprendizes para auxiliar no desenvolvimento da LE. Outra função importante da LM deriva de seu valor humanístico, ou seja, de ser uma ferramenta que permite aos alunos expressar o que realmente desejam em determinadas situações; a partir dessa expressão mais livre, o professor pode incentivar e ajudar os alunos a encontrar uma forma de dizer o que querem na LE. Além disso, as técnicas que envolvem o uso da LM demonstram eficiência na otimização do tempo necessário para atingir objetivos específicos.

MELLO (2009) afirma que a alternância de línguas vem sendo vista, felizmente, não apenas como um recurso comunicativo para as interações que ocorrem na sala de aula, mas também como um “recurso pedagógico instrucional”

(p. 136). O reconhecimento da importância dos conhecimentos que compõem o ambiente bilíngue favorece e estimula a aprendizagem de forma ampla, tanto para a comunicação como para instrução.

A autora reitera que a LM opera como mediadora para o desenvolvimento das competências em LE e a alternância é feita objetivando a otimização das dinâmicas de interação na sala de aula. Para compreender os usos das línguas no contexto que observou, a autora classifica as funções da alternância de línguas em *instrucionais*, quando são empregadas para “controlar as interações na sala de aula, para sistematizar rotinas previamente estabelecidas, para dar instruções e para negociar conteúdos” (MELLO, 2009, p. 142), e em *conversacionais*, quando “auxiliam na comunicação entre professor-aluno e aluno-aluno quando eles se engajam em conversações sociais antes, durante ou depois das aulas” (MELLO, 2009, p. 142).

KURTZ-DOS-SANTOS e MOZZILLO (2013) corroboram a significativa relevância da LM na sala de aula de LE, como uma ferramenta que permite potencializar os processos de ensino/aprendizagem. As autoras formularam hipóteses sobre as motivações e o papel da alternância na interação entre os sujeitos e constataram que os professores se utilizam da LM para: apresentar o significado de uma palavra ou expressão, para checar a compreensão e para se adequar ao código que o aluno está usando. Demonstrou-se, assim, que recorrer à LM não configura incompetência na LE, mas representa, na verdade, um recurso linguístico, pragmático, afetivo e didático.

## 2. METODOLOGIA

A geração de dados da pesquisa ocorreu por meio de questionários *online* respondidos por professores do curso de Letras – Português e Espanhol, de diferentes universidades públicas do Rio Grande do Sul. O Projeto de Pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa – FAMED – UFPel, parecer nº 4.701.905.

Nas perguntas propostas, solicitou-se que os participantes expressassem suas percepções sobre os contatos e as alternâncias linguísticas, bem como se abordam essa temática com seus alunos e a forma como realizam as discussões e orientações quando à presença e ao uso da LM em aulas de LE.

Neste trabalho, são apresentadas algumas reflexões sobre a quinta pergunta do questionário: *Quais seriam os possíveis objetivos do uso da língua portuguesa em sala de aula de língua espanhola? Cita exemplos (no mínimo três)*. A análise tem um caráter qualitativo, de forma a comparar as funções para alternância citadas pelos autores que ambasam teóricamente a pesquisa e aquelas apontadas pelos professores participantes, buscando destacar convergências e divergências.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os professores participantes indicaram, em grande parte, perceber o papel facilitador da utilização da LM como auxílio para que se construam as competências na língua meta, indo ao encontro do que os autores referenciados propõem. Os exemplos de respostas a seguir (excertos transcritos sem alterações) demonstram os principais objetivos citados pelos formadores:

- Facilitar as referências gramaticais e culturais dos alunos, diminuir a assimetria, facilitar a interação e aprendizagem.

- Talvez a introdução de um vocábulo ou de uma expressão que não seja tão transparente. Pode-se explicar o uso em espanhol, sem dúvida, mas, a depender do público e do assunto, pode ser necessário realizar a tradução ou explicar em português.
- 1) Estabelecer uma interação inicial e criar vínculos com os alunos; 2) Proporcionar reflexão metalinguística na língua alvo e na língua materna; 3) Estabelecer relações de entre as duas línguas, em seus diferentes níveis semântico, pragmático, etc.
- Exemplo 1: foi citado acima quanto às estruturas verbais; Exemplo 2: Interpretar interferências fonéticas da língua materna como erros, quando deveríamos entender que o aluno não será um falante nativo e que interferências podem ocorrer; Exemplo 3: evitar ao máximo que os alunos cometam preconceitos linguísticos pela forma (a variante ibérica melhor que qualquer outra), ou que digam que fulano ou ciclano não adquire o idioma por falar "portunhol". Cada aluno tem o seu tempo de amadurecimento e, nesse sentido, o preconceito linguístico é extremamente nocivo para o desenvolvimento em todos os sentidos.

O destaque para o caráter facilitador é predominante nas manifestações dos professores. Compreende-se que a presença da LM propicia uma melhor interação e uma compreensão mais completa dos vários níveis da língua, além de fomentar a motivação dos alunos.

Além disso, o último exemplo ressalta um fator fundamental a ser explorado quando se pensa na alternância linguística na sala de aula, que em grande parte das vezes permanece apenas implícito: lançar mão de conhecimentos da LM e reconhecê-los como componentes integrantes do repertório do falante permite que se compreenda que as línguas não se desenvolvem separadamente na mente do aprendiz e que os fenômenos do contato devem ser vistos como elementos naturais do processo.

No entanto, alguns participantes manifestaram que o uso do português deve ser considerado apenas como último recurso ou que a LM não tem funções a desempenhar em aulas de LE:

- Talvez em situações de alguma tradução de um termo muito técnico, mas isso é sempre o último recurso, porque antes podemos fazer uso de metalinguagem, mímica, desenho, etc. Não penso em outras situações para o uso do português na aula de espanhol.
- Desconheço objetivos para usar a língua portuguesa em sala de aula.
- Não uso a língua materna em sala de aula, uso outras formas de chegar ao entendimento do aprendiz, como usar sinônimos, antônimos, explicações semelhantes ou até mesmo mímicas. Porém, para auxiliar na investigação, acredito que se pode usar a língua materna para trabalhar falsos cognatos, vocabulários mais específicos e alguns verbos.

Essa postura diverge da proposta de valorização dos repertórios linguísticos do ambiente da sala de aula como mediadores para que sejam alcançados os conhecimentos na língua-alvo. O uso da LM é identificado como um desvio a ser evitado e como tendo pouca ou nenhuma função benéfica aos aprendizes. Preza-se por um ideal de pureza linguística que, muitas vezes, impõe obstáculos que dificultam o desenvolvimento.

Esses resultados revelam dois posicionamentos principais: por um lado, há formadores que reconhecem que utilizar-se da LM tem como objetivo aprimorar o trabalho de construção do sistema da LE; por outro lado, também há professores que apontam para a não existência de uma finalidade para o uso da LM, ou, no máximo, que este seria um último recurso a ser empregado apenas quando todos os demais já foram esgotados.

#### 4. CONCLUSÕES

Pode-se constatar, pela diversidade nas respostas aos questionários, que o assunto proposto mostra-se atual e o debate ainda precisa ocorrer mais explicitamente na formação dos profissionais de Letras, para que as línguas que convivem no ambiente das aulas e na mente dos falantes sejam empregadas de forma segura, criteriosa e estratégica.

Principalmente por se tratar de professores formadores como participantes deste recorte da pesquisa, as discussões propostas buscam esclarecer que a postura que se adota frente aos fenômenos de contato que ocorrem no ambiente de sala de aula de LE podem não apenas beneficiar ou prejudicar a aprendizagem, mas também desconstruir ou fortalecer preconceitos.

Conhecer os vários objetivos e as consequências da alternância linguística mostra-se relevante e proveitoso, para que se compreenda que não se trata de algo casual e impensado, de uma manobra evasiva ou mostra de desconhecimento da língua-alvo. Quando se recomenda que a LM esteja presente na aprendizagem de LE, não se quer dizer que aquela deva predominar sobre esta, pois, sem dúvida, o aluno precisa receber *input* em quantidade e em qualidade. O uso raciocinado da LM refere-se a apoiar-se nos conhecimentos de que o aluno dispõe, para que os saberes se integrem de modo ativo e aditivo.

Reafirma-se a necessidade de discussões sobre esse tema durante a formação de professores que lhes proporcionem embasamento para uma atuação crítica, pois, por meio desta, poderão fomentar ideologias linguísticas que valorizem competências plurilíngues.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATKINSON, D. The mother tongue in the classroom: a neglected resource? **ELT Journal**, Oxford University Press, vol.41/4, p.241-247, out. 1987.

KURTZ-DOS-SANTOS, S. C.; MOZZILLO, I. O fenômeno das línguas em contato na comunicação intercultural. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. S. (Orgs.) **Diversidade cultural e ensino de línguas estrangeiras**. Campinas: Pontes, 2013, p.163-177.

MELLO, H. A. B. Funções da alternância de línguas na sala de aula de inglês como segunda língua. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.12, n.1, p.135-164, jan./jun. 2009.

MOORE, D. Uma didática da alternância para aprender melhor? In: PRADO, C.; CUNHA, J. C. (Orgs.) **Língua materna e língua estrangeira na escola. O exemplo da Bivalência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.89-99.